

# O PAPEL DAS EMPRESAS JUNIORES NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE SEUS MEMBROS

**Tiago Paz Lasmar (UFMG)**  
tplasmar@gmail.com

**Marina Carelli Reis (UFMG)**  
marina.carelli.reis@gmail.com

**Gerson Geraldo Carvalho Junior (UFMG)**  
gersoncjprod@gmail.com

**Ana Valeria Carneiro Dias (UFMG)**  
anakuty@yahoo.fr

**Maria Cecilia Pereira (UFMG)**  
cecilia@dep.ufmg.br



*Este artigo discute o papel que as Empresas Juniores (EJs) representam para a formação dos estudantes de graduação em Engenharia de Produção a partir da perspectiva dos próprios estudantes, por meio de um estudo de caso realizado em uma EJ reconhecida por suas pares brasileiras como referência de desempenho. Nesse sentido, o principal papel da EJ é a promoção do aprendizado profissional e de elementos culturais e comportamentais do mundo empresarial, seguido da construção de redes interpessoais, dentro e fora da universidade, e como contraponto às dificuldades das disciplinas do ciclo básico da Engenharia, podendo reduzir a evasão. Porém, alguns aspectos do papel dessas empresas foram problematizados e questionados, como a relação entre teoria e prática na Engenharia de Produção, o fomento ao empreendedorismo e inovação e a atuação como extensão universitária. Assim, considera-se que para que as EJs contribuam efetivamente com a formação dos estudantes, uma cuidadosa integração dessa atividade complementar às demais atividades curriculares é necessária.*

*Palavras-chave: Ensino de Engenharia de Produção, Empresa Junior, Aprendizagem.*

## 1. Introdução

O desenvolvimento social e tecnológico exige profissionais capazes de executarem diferentes funções e resolverem problemas complexos. Desse modo, as universidades manifestam uma preocupação crescente com a melhor formação profissional, não limitando-se à formação técnica e teórica, buscando o desenvolvimento advindo de experiências práticas. As atividades complementares (ACs) são consideradas um modo de aprimorar a formação do estudante por meio de práticas orientadas, como iniciação científica, projetos de extensão e participação em empresas juniores (EJs) (SILVA et al, 2015).

O objetivo deste artigo é discutir o papel que as EJs representam para a formação dos graduandos em Engenharia de Produção (EP) a partir da perspectiva dos próprios estudantes, por meio de pesquisa realizada em uma EJ reconhecida por suas pares brasileiras como referência de desempenho. Para tanto, primeiramente discute-se o referencial teórico acerca dos papéis das EJs para a formação de estudantes de graduação. Apresenta-se, também, o marco regulatório recentemente aprovado que legisla acerca das atividades das EJs. Em seguida descreve-se a metodologia utilizada, e, logo após, é apresentado e discutido o estudo de caso. Finalmente, considerações acerca dos achados de pesquisa sobre as relações entre os diversos aprendizados nas EJs e a formação profissional nos cursos de graduação são traçadas.

## 2. Referencial teórico

As primeiras EJs surgiram na França, década de 1970, iniciando o Movimento Empresa Júnior (MEJ). No Brasil, elas foram introduzidas em 1988 pela Câmara de Comércio França-Brasil. A expansão do movimento no país ocorreu sobretudo na segunda metade dos anos 90 (PERES, CARVALHO E HASHIMOTO, 2004). Atualmente, existem 311 empresas juniores no país (BRASIL JUNIOR, 2016).

O MEJ é representado pela Brasil Júnior (BJ), que determina critérios a serem respeitados para que uma organização possa ser considerada uma EJ. Assim, definem-se as finalidades e papel dessas organizações: o desenvolvimento profissional dos membros pela vivência empresarial; a realização de projetos e serviços na área de atuação, preferencialmente para micro e pequenas empresas e terceiro setor, visando o desenvolvimento social; e o fomento do empreendedorismo em seus associados (BRASIL JUNIOR, 2016).

A Lei 13.267, de 06 de abril de 2016, regulamenta a formação, organização e funcionamento das EJs. De acordo com a lei as EJs tem, entre outros, os papéis de aperfeiçoar o processo de formação dos profissionais em nível superior; proporcionar aos estudantes a preparação e a valorização profissionais pela adequada assistência de professores e especialistas; intensificar o relacionamento entre as instituições de ensino superior e o meio empresarial.

Observa-se que o conceito de EJ contempla o tripé universitário, ou seja, ensino, pesquisa e extensão (LEWINSKI 2009, OLIVEIRA 2003). Considera-se a extensão pelos serviços sem fins lucrativos a pequenos e médios empresários, visando o aprendizado dos alunos e a melhoria da sociedade local; a pesquisa, quando se realiza levantamento de informações necessárias para o desenvolvimento do serviço prestado, por exemplo, pesquisas de público-alvo de uma organização, aspectos mercadológicos; e o ensino, pois as atividades realizadas pelos discentes devem ser orientadas por professores.

As EJs tem papel importante na formação e aprendizado de seus membros, principalmente no que diz respeito à confrontação teoria-prática e aproximação com o mercado de trabalho, por meio da vivência profissional (ZILIOOTTO, 2012, LEWINSKI, 2009, OLIVEIRA, 2005, PERES, 2004, SOUZA, 2002).

Além disso, as EJ's podem permitir o desenvolvimento de características empreendedoras em seus integrantes, devido à facilidade de aceitação de projetos e ideias dentro da organização, que passa a ser espaço para desenvolvimento de habilidades empreendedoras (PICCHIAI, 2008). Tal seria potencializado pela alta rotatividade de membros, resultando em um baixo aproveitamento de novas ideias, tornando-se necessária a constante geração dessas, fomentando a criatividade (PICCHIAI, 2008).

Estudos com viés crítico, porém, apontam para outros aspectos advindos da forma como as EJs atuam (SEKI E SIMÃO 2014; BICALHO E PAULA, 2012), argumentando que as EJs são incompatíveis com a função das universidades públicas, pois elas difundem uma visão de universidade dominada pelas necessidades do mercado. Conseqüentemente, os alunos naturalizam as relações de capitalismo de mercado, levando à degradação de seu poder crítico e de reflexão sobre a realidade. Ademais, frequentemente, os alunos acabam sofrendo certas violências, que muitas vezes passam despercebidas, para se encaixar às predisposições do mercado de trabalho.

### 3. Metodologia

A pesquisa aqui descrita é parte de um projeto que investiga a percepção dos alunos de graduação de EP em uma universidade pública acerca do curso e da profissão. Em resultados parciais do projeto, Silva et al (2015) demonstraram, a partir de um *survey*, uma relação inversa entre a participação dos estudantes de EP em atividades complementares e sua satisfação quanto ao curso.

Para aprofundar a compreensão desses resultados, formaram-se grupos foco com alunos de graduação. Grupo foco é definido como uma técnica de coleta de dados por meio das interações grupais sobre um tópico determinado pelo pesquisador (MORGAN, 1997). Características do grupo foco, tais como tamanho, assunto, composição e procedimentos de condução são definidas anteriormente à sua realização.

Buscou-se variabilidade entre os participantes do grupo foco, em termos de ACs realizadas (Iniciação Científica, Estágio, Extensão, EJ), período curricular e mesmo estudantes que não participaram de nenhuma atividade. Apesar do esforço, um primeiro grupo não teve entre seus participantes alunos que participavam ou já haviam participado de EJs, porém, durante a discussão, a participação nessas empresas foi um tema que emergiu fortemente. Isso motivou a elaboração de um segundo grupo composto por 9 membros e ex-membros de uma EJ (doravante denominada EJPRO; e os participantes, EJ1 a EJ9) para melhor compreender os elementos levantados no primeiro grupo. A escolha da EJPRO como objeto de estudo, além da conveniência, está relacionada à expressão desta no MEJ, reconhecida como uma das melhores EJs de engenharia no país.

Os grupos foco fomentaram diversas temáticas em torno do assunto EJ; decidiu-se, primeiramente, focar a análise no papel das EJs. Para isso, realizou-se um estudo de caso na EJPRO, pois se trata da análise contextualizada de um fenômeno contemporâneo. Baseou-se o estudo de caso em dados coletados junto à EJPRO com relação à sua constituição e estrutura e nos dados obtidos pelo grupo foco, cujas discussões foram transcritas, além de entrevistas não-estruturadas com membros e ex-membros.

Previamente à análise das transcrições, realizou-se uma revisão bibliográfica do tema EJs e seu papel na formação acadêmica. Pesquisou-se referências nos sítios Scielo e Google Acadêmico, utilizando-se como palavras-chave para a busca “Empresa Júnior” e “Formação”. Foram lidos 17 artigos. A partir dos temas abordados no referencial construído e de uma

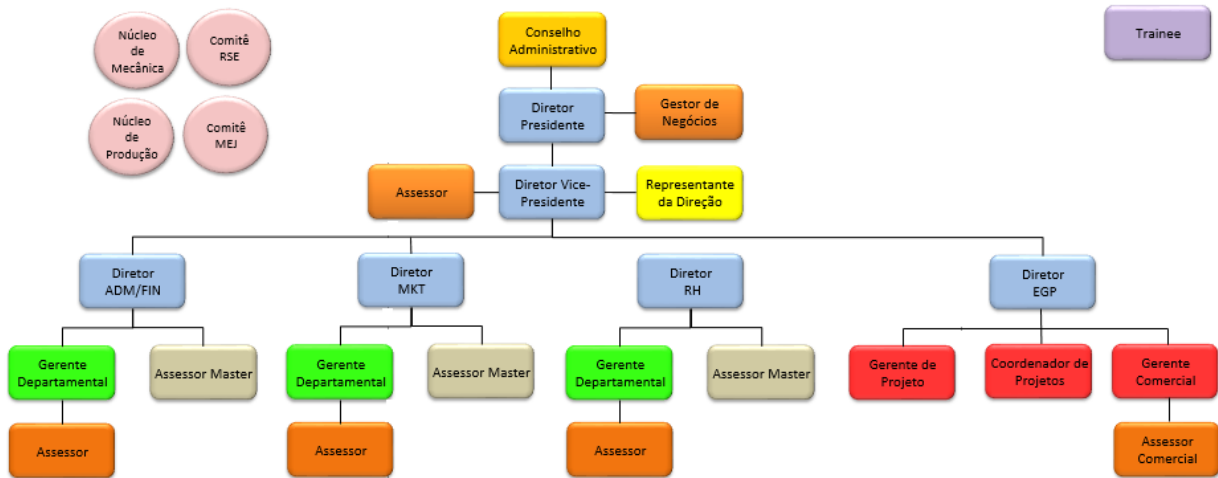
primeira leitura na transcrição, levantaram-se palavras-chave seguidamente posicionadas em categorias consideradas relevantes para o desenvolvimento do estudo.

Uma análise inicial foi feita contando-se as palavras-chave mencionadas pelos participantes do grupo foco, seguida de análise semântica, contabilizando os termos nas respectivas categorias. Realizou-se uma segunda contagem categorizando e contabilizando outras palavras e expressões que tinham significados equivalentes daquelas palavras previamente definidas. Objetivou-se com essa abordagem quantitativa direcionar a análise qualitativa da transcrição, realizada em seguida, seguindo-se procedimentos usuais em *grounded theory* (CORBIN E STRAUSS, 1990).

#### 4. Estudo de caso

A EJ investigada nesta pesquisa é formada por graduandos dos cursos de EP e Engenharia Mecânica de uma universidade pública do sudeste brasileiro. Fundada em 1995, a EJPRO é reconhecida por suas pares como uma das melhores EJs do país, como atestam as diversas premiações obtidas notadamente a partir de 2010, tais como o “Prêmio de Excelência em Gestão” concedido no Encontro Nacional de Empresas Juniores em 2015 e em 2013. Segundo a empresa, sua missão é transformar estudantes de graduação em empreendedores por meio da participação em projetos nas empresas clientes. Os serviços prestados pela EJPRO dividem-se em projetos de Gestão e Organização, Planejamento da Produção, Estratégia e Qualidade. A estrutura da EJPRO em 2015 pode ser observada no organograma elaborado pela empresa (Figura 1). 63% dos membros eram alunos do curso de graduação em EP, entre o segundo e o sexto período.

Figura 1 - Organograma  
 EJPRO



Fonte: Fornecido pela EJPRO

A análise das transcrições mostrou que, da perspectiva dos participantes da EJPRO, o papel principal da EJ é, consonante à literatura, relacionado à aprendizagem. De fato, a análise quantitativa dos termos emergentes nos discursos contabilizou 177 menções ao papel “aprendizagem”, com a palavra “aprendizado” e termos correlatos como “desenvolvimento”, “conhecimento” e “competência” (contra 104 menções ao tema “mercado”, por exemplo). Dentro desse papel, a análise qualitativa dos relatos tornou possível categorizar três aspectos, complementares, porém distintos: aprendizagem relacionada à técnica profissional; relacionada à experiência de e para o mercado; relacionada a cultura e comportamento empresarial.

Nota-se, na EJPRO, destaque para os aspectos de “cultura e comportamento empresarial” e “experiência de e para o mercado”, e deficiências no aspecto “técnico-profissional”. Para os alunos, participar da EJPRO beneficia a carreira futura devido à experiência de lidar com empresas reais, o que impõe necessidades tais como respeito a prazos e orçamentos, culminando com o desenvolvimento de competências nesse sentido, segundo os participantes, “*características de gerenciamento, de comunicação [...]*” e desenvolver um “*repertório para dialogar com o mercado*” (EJ3), além do aprendizado relativo a gestão de projetos, organização do tempo, elaboração de relatórios e apresentações e uso de *softwares* valorizados pelo mercado, como Excel, Project. Um aspecto emergente da pesquisa foi o fato de que nos processos seletivos para estágio, ter participado de uma atividade complementar e, notadamente, de EJs é um diferencial importante. Segundo uma aluna ex-membro da EJPRO

e atualmente estagiando em uma empresa: *“parece que as pessoas querem que você esteja na faculdade, [...] no 6º período, com experiência de 35 anos no mercado... quando você [participa] de uma EJ, você sabe se apresentar, [...] trabalhar em grupo, [comportar-se] numa dinâmica, [...] numa entrevista, [...] você tem mais coisa pra colocar no seu currículo porque você fez alguns cursos pela [EJPRO] [...] [ACs são] uma imposição do mercado”* (EJ8).

O aprendizado de “cultura empresarial” por meio da EJPRO emergiu fortemente; observaram-se tanto elementos relacionados à cultura empresarial de modo geral, quanto, em particular, aqueles relacionados ao trabalho em consultorias, como era de se esperar. Corroborando Bicalho e Paula (2012), nota-se uma reprodução das ideologias empresariais na EJPRO. De um lado, a vivência na EJPRO permite desenvolver características como responsabilidade e autonomia, pois o principal mecanismo de coordenação do trabalho é a gestão por metas ou indicadores, especialmente para os gestores de projeto, que, ademais, desenvolvem também aspectos de liderança (*“com 19, 20 anos, você já [lidera] 3, 4, 20, 50 pessoas”* (EJ1)). Uma característica importante do trabalho em consultorias, a diversidade de situações de trabalho e a consequente necessidade de aprendizado autônomo foi também mencionada, por exemplo, por uma aluna que relatou a rotina na EJPRO como *“100% correr atrás”* (EJ6) dos conceitos necessários para analisar e solucionar os problemas dos clientes, especialmente em uma situação na qual a maioria dos consultores estão nos primeiros períodos do curso.

Por outro lado, observou-se a presença de representações de certo pensamento pouco crítico acerca do que deva ser uma “cultura gerencial exemplar”. Assim, foram comuns as menções a pressão por resultados e por dedicação integral à EJ (*“pressão [...] [para] mandar bem, fazer o projeto funcionar”* (EJ3); *“a [EJPRO] não entra de férias, então nossa rotina continua durante Dezembro, Janeiro, Fevereiro”* (EJ6) ) levando a falta de tempo para outras atividades (incluindo dormir, alimentar-se e fazer atividades físicas: *“[você perde] noite de sono, igual um diretor [de empresa]”* (EJ6); *“Não almoçava, não jantava, comia muito mal”* (EJ5) ) e para dedicar-se às outras atividades do curso de graduação, gerando consequentes problemas de estresse. A maioria dos alunos participantes revelou ter sido reprovado em uma ou mais disciplinas enquanto participava da EJPRO, e todos relacionaram tal desempenho às exigências da EJPRO (ao relatar o semestre em que foi reprovado em disciplinas, um ex-membro afirmou que *“Foi o mais difícil pra mim [priorizar entre as disciplinas e a EJ], e na verdade [...] não é que foi difícil de priorizar, eu priorizei a [EJPRO] (EJ3)”,* ainda que



alguns afirmem que um desempenho ruim é devido exclusivamente ao aluno que não soube se organizar: “[o aluno] é muito imaturo, [...] tá muito pouco preparado e [...] trabalha errado” (EJ1); “[você] volta pra casa, [...] tem um tempo ali pra estudar, [...] só que cê passou um dia tão exaustivo [...] que cê já não tá... com força mental pra continuar naquilo, aí acontece, aconteceu comigo, que foi totalmente irresponsabilidade minha [...], mas aí cê [prioriza] muito a [EJPRO] e [deixa] a faculdade e as outras coisas de lado, o que é errado e que cê tem que saber priorizar [...]” (EJ4).

Quanto ao aprendizado aqui denominado “técnico-profissional”, os relatos apontam que os projetos tem privilegiado aspectos puramente gerenciais, deixando aspectos técnicos da EP (ferramentas, técnicas e metodologias específicas deste campo de conhecimento) em segundo plano: “pro seu trabalho ser mais produtivo [...] as pessoas estão focando tanto no gerencial que a parte técnica tá ficando defasada” (EJ8). Para isso contribui o contexto atual da EJPRO, cujos membros, em sua maioria, encontram-se nos primeiros períodos do curso, como demonstra o relato a seguir:

*“[...] fui diretora de projetos [...]no terceiro período, então eu não tinha conhecimento técnico nenhum na área de produção pra ser diretora de projeto. Normalmente a gente recorre a quem já foi gerente de projeto e tá saindo da empresa, tá nos períodos mais para a frente. [...]na grande maioria das vezes, a gente corre atrás” (EJ6)*

Nota-se uma certa “banalização” da técnica da Engenharia de Produção, entendida como “gestão” que pode ser aprendida em cursos de curta duração (como cursos de *lean production* e ferramentas de qualidade) oferecidos por empresas terceiras à EJPRO; conforme um aluno: “tudo dá-se um jeito. Dá pra fazer as coisas no feeling” (EJ6), postura que vem sendo criticada pelos próprios membros (“isso prejudicou muito a área de produção da [EJPRO], é uma coisa que hoje a gente discute muito”).

Porém, ao avançar no curso, a relação entre projetos e conteúdos das disciplinas torna-se mais clara e mais articulada. Embora reconheça que, no início de seu período na EJPRO “a grande maioria das coisas a gente não [havia visto] na faculdade”, um membro se recorda de uma experiência contrária, quando já estava há mais de um ano na EJPRO:

*“no quinto período, fiz um projeto pra uma empresa e [...] eu senti que valeu de muita coisa que eu tinha aprendido na faculdade [...] eu já tinha*



*passado pela [Ergonomia]... Tinha algumas coisas que você já tinha aprendido, tipo forma de conduzir uma entrevista, de você conseguir usar aquele ensinamento e poder [...] identificar os [...] problemas ali dentro da empresa [...] Mas infelizmente [...] são poucas as pessoas que conseguem chegar num momento de aplicar.” (EJ3)*

Ao mesmo tempo, nota-se que a relação entre as disciplinas e o trabalho na EJ é de mão dupla; o aproveitamento em disciplinas é potencializado pela experiência de participar da EJ: *“acontece mais [...] no sentido contrário, hoje pra fazer trabalho de [disciplina], eu tenho muita facilidade porque eu tive que aprender para a EJPRO” (EJ3).*

Os problemas no aprendizado técnico-profissional ocorrem tanto pelo perfil dos membros quanto pela estrutura organizacional da EJPRO, que seria, na visão dos alunos, burocrática e não desenhada para a aprendizagem. Também, o rigor dos sistemas de medição ao qual a EJPRO está submetida, no âmbito do MEJ, faz com que a preocupação com a produtividade seja grande, em detrimento do aprendizado: *“a gente não faz coisas novas, não tem tempo pra aprender” (EJ9); “a gente sempre se apoiou muito no nosso [Sistema de Gestão do Conhecimento] [...] pegar coisa antiga que tá lá” (EJ1).*

Uma mudança no perfil dos membros, exigindo-se, por exemplo, períodos mínimos cursados, poderia amenizar alguns dos problemas descritos acima. Contudo, outras funções da EJPRO seriam prejudicadas. De fato, a EJPRO apresenta-se, notadamente aos alunos dos primeiros períodos, como um espaço de autoconhecimento e (re)afirmação da profissão escolhida, o que é particularmente importante para a EP, dada sua diversidade de campos de atuação: *“quando a gente está no primeiro período, [...] não tem muita ideia do que é [EP], [...] era uma boa forma de saber sobre o curso, interagir com o que eu posso trabalhar no futuro” (EJ9); “entrei na [EP] sem saber se era exatamente isso que eu queria, então eu entrei na [EJPRO] em um momento em que eu estava me encontrando” (EJ2); “é uma época de [...] autoconhecimento” (EJ8).* Ademais, vale lembrar que os cursos de Engenharia iniciam-se pelo ciclo básico - disciplinas de Matemática, Física e Química que nem sempre guardam relações evidentes com a profissão escolhida. Assim, a EJ supriria *“...uma necessidade do pessoal de colocar a mão na massa e experimentar as coisas da [EP]” (EJ7).* O ciclo básico é visto pelos alunos como um período árido, e a EJ serviria para *“achar pequenas alegrias”* no início do curso, *“porque o ciclo básico é muito chato. E a gente se apega tanto a [EJPRO] porque é muito legal” (EJ8).*

Participar de uma EJ contribui também para a formação de redes interpessoais, primeiramente dentro do ambiente acadêmico e também no futuro mercado de trabalho, o que pode tornar-se um ativo importante para a carreira; um dos alunos mencionou que o estágio que realizava à época era devido, também, à sua rede de contatos formada na EJPRO.

## 5. Discussão

As análises realizadas a partir do grupo foco engendram uma série de questões importantes para a compreensão do papel das ACs, especificamente as EJs, na formação dos graduandos em EP. A participação em uma EJ contribui para a construção de competências que vão além da aplicação do conhecimento teórico. Na realidade, o caso da EJPRO mostra que a relação teoria-prática pode ser problematizada, dado que, a rigor, é possível realizar projetos sem que se tenha a base teórica fornecida pelas disciplinas da graduação. Evidentemente não se avalia, nesse caso, a qualidade dos resultados dos projetos; porém, o fato é que os projetos são realizados e os clientes, em alguma medida, são satisfeitos, o que poderia ser explicado pelo perfil desses clientes: pequenas e médias empresas, que beneficiam-se mesmo das técnicas mais simples de EP. Contudo, tal pode significar, caso não se realize uma reflexão a respeito, uma banalização da técnica da EP que *não interfere na avaliação das EJs por suas pares*, uma vez que a EJPRO é recorrentemente premiada pelo MEJ. Faz-se necessário uma maior aproximação entre o corpo docente da universidade na qual a EJPRO se insere e o trabalho realizado pela EJPRO, mas também uma revisão dos critérios de avaliação das EJs.

Um papel primordial das EJs é desenvolver outras competências para além da técnica, que são também importantes para a formação profissional e pessoal, tais como as relativas à comunicação, gestão do tempo e trabalho em equipe. Esse entendimento vai ao encontro de definições contemporâneas de “competência”, que enfatizam seu aspecto prático e situado (LINDBERG E RANTATALO, 2014), reafirmando a importância das EJs como complementares aos conteúdos básicos associados às disciplinas de graduação. Ademais, notadamente para cursos que habitualmente apresentam índices elevados de evasão nos períodos iniciais, as EJs podem ser importantes instrumentos de retenção de alunos. Paradoxalmente, o impacto da participação em EJs pode ser negativo na satisfação desses alunos com o curso (SILVA et al, 2015), devido à discrepância entre os conteúdos das disciplinas do ciclo básico e aqueles aprendidos na EJ.

Um aspecto notável no caso da EJPRO foi a ausência, nos relatos, do papel da extensão como citado na literatura. De fato, embora a relação com clientes tenha sido mencionada, tal surge como um meio para aprendizagem dos membros, e não como um fim em si mesmo. Portanto, o papel da EJ como extensão universitária pode ser considerado, no mínimo, subordinado ao papel de ensino.

Também pode ser questionado o fomento ao empreendedorismo e à inovação por parte das EJs. No caso da EJPRO, os membros reconhecem que a estrutura organizacional e os indicadores de desempenho utilizados (legitimados pelo MEJ) reduzem o grau de inovação por induzirem à reprodução de soluções utilizadas anteriormente.

## 6. Considerações finais

O artigo mostrou alguns resultados de pesquisa acerca da contribuição de EJs para a formação de alunos de graduação, particularmente nos cursos de EP. Por meio de estudo de caso em uma das EJs mais conceituadas no país, alguns aspectos do papel dessas empresas foram problematizados, como a relação entre teoria e prática, fomento ao empreendedorismo e inovação e atuação como extensão universitária.

O principal papel da EJ é de fato a promoção do aprendizado, entendido em sentido amplo; assim, competências gerenciais e sociais são privilegiadas, ao lado de técnicas relacionadas à profissão - no caso, com menor destaque. Outros aspectos emergentes foram a importância da EJ como atividade construtora de redes interpessoais, dentro e fora da universidade, e como contraponto às dificuldades das disciplinas do ciclo básico da Engenharia, que, se por um lado pode contribuir para redução de evasão, por outro pode levar a uma menor satisfação com o curso, devido à discrepância entre teoria (vista nas disciplinas) e prática (na AC). Isso reforça a importância de que as ACs sejam de fato integradas às disciplinas e demais atividades, e não simplesmente justapostas.

Uma importante questão relativa à reprodução acrítica, por parte das EJs, de certa cultura e comportamento empresarial emergiu da pesquisa, merecendo aprofundamento [posterior](#). Além desse, a pesquisa enseja outros campos de estudo, relativos ao detalhamento de como ocorre (ou não) o aprendizado e a inovação na EJ, a relação entre teoria e prática, e novas formas de articular as EJs aos currículos dos cursos de graduação. Pretende-se explorar tais desdobramentos no desenrolar da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BICALHO, Renata de Almeida; PAULA, Ana Paula Paes de. Empresa Júnior e a reprodução da ideologia da Administração. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, Dez 2012.
- BRASIL. Lei nº 13.267, de 6 de abril de 2016. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 abr. 2016.
- BRASIL JUNIOR. O MEJ. Disponível em: <<http://brasiljunior.org.br/>> Acesso em: 27 de abr. de 2016.
- BRASIL JUNIOR. Conceito nacional de Empresa Júnior. Disponível em: <[brasiljunior.org.br/download?file=CNEJ.pdf](http://brasiljunior.org.br/download?file=CNEJ.pdf)> Acesso em: 27 de abr. de 2016.
- CORBIN, Juliet, STRAUSS, Anselm. Grounded theory research: Procedures, canons, and evaluative criteria. **Qualitative Sociology**, São Francisco, v. 13, n. 1, p. 3–21, 1990.
- LEWINSKI, Sandra Moreira, PILATTI, Luiz Alberto, KOVALESKI, João Luiz, FRASSON, Antonio Carlos. Contribuição da Empresa Júnior para desenvolvimento das competências necessárias a formação de Engenheiros de Produção. **XVI SIMPEP - Simpósio de Engenharia de Produção**, Bauru, p. 1-12, 2009.
- LINDBERG, Ola, RANTATALO, Oscar. Competence in professional practice: A practice theory analysis of police and doctors. **Human Relations**, 0018726714532666 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0018726714532666>> Acesso em: 27 abr. 2016.
- MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.
- OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo Social e Empresa Júnior no Brasil: o emergir de novas estratégias para a formação profissional. **II Seminário de Gestão de Negócios**, Curitiba, v. 1, p. 1-2, 2005. Disponível em: <[http://sottili.xpg.uol.com.br/publicacoes/pdf/IIseminario/politicas/politicas\\_04.pdf](http://sottili.xpg.uol.com.br/publicacoes/pdf/IIseminario/politicas/politicas_04.pdf)> Acesso em: 27 de abr. de 2016
- PERES, Rodrigo Sanches, CARVALHO, Ana Maria Rodrigues, e HASHIMOTO, Francisco. Empresa Júnior: integrando teorias e práticas em Psicologia. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, 4(2), p.11-30, 2004.
- SEKI, Allan Kenji, SIMÃO, Caio Ragazzi Pauli. Por que "não" a uma EJ: o que é inconciliável entre a universidade pública e as empresas juniores? **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 4, dez. 2014.
- SILVA, Franciele Garcia, LASMAR, Tiago Paz; CARVALHO, João Rodarte; DIAS, Ana Valéria Carneiro, PEREIRA, Maria Cecília. Análise do impacto das atividades complementares na percepção de satisfação dos alunos de Engenharia de Produção acerca do curso. **Encontro Interestadual de Engenharia de Produção – São João da Barra - RJ**. 2015.
- SOUZA, Gustavo Costa de. Empresa Júnior: uma ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem através da aplicação imediata de conceitos e teorias à realidade empresarial no ensino de administração no Brasil. **Revista Angrad**, v. 3, n.4, p. 01-14, 2002.
- ZILIOTTO, Denise Macedo. A Aprendizagem do aluno inserido em Empresa Júnior. **Revista Conexão UEPG**. v. 8, n. 2, P. 210-217, 2012. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/conexao/article/view/4554/3096>> Acesso em: 27 de abr. de 2016.